

A crônica como documento histórico: a obra de Idácio de Chaves e sua inserção em uma análise comparativa com outras crônicas de seu período

Daniilo Medeiros Gazzotti*

Resumo

No presente artigo temos como objetivo demonstrar a importância da crônica de Idácio de Chaves como um documento histórico para o estudo da Antiguidade Tardia Ibérica. A partir disso temos a intenção de realizar uma análise comparativa de sua obra com os demais documentos em estilo cronístico de seu período contrastando seus objetivos e contrapondo seus diferentes contextos de produção.

Palavras-Chave: Antiguidade Tardia; Crônicas; Idácio de Chaves.

THE CHRONICLE AS A HISTORICAL DOCUMENT: the work of Idácio de Chaves and its insertion in a comparative analysis with other chronicles of his period

Abstract

In this article, we aim to show the importance of the Chronicle of Hydatius as a historical source to the study of Iberian Late Antiquity. From this, we intend to make a comparative analysis of his work with other chronicles of his period, contrasting its different objectives and contexts of production.

Keywords: Late Antiquity; Chronicles; Hydatius

A história de um documento

Atualmente, existem três documentos escritos cuja autoria pode ser conferida a Idácio de Chaves, que são sua Crônica, os Fastos Consulares Idacianos e Idácio Menor. Desses, apenas o primeiro tem sua autenticidade confirmada como obra idaciana, sendo os demais documentos apenas atribuídos a Idácio, não sendo reconhecidos como produção legítima deste autor pela maioria dos estudiosos ao longo da história.

*Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). É também membro discente do Núcleo de Estudos Mediterrânicos NEMED/UFPR e pesquisador convidado do Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrâneo GEMAM/UFMS.

Segundo Júlio Campos (1984, p. 12), a Crônica é a maior e mais importante obra atribuída a Idácio, não há nenhuma dúvida sobre sua paternidade, por unânime consenso dos manuscritos, dos historiadores e eruditos de todos os séculos.

Apesar de ser uma obra com informações importantíssimas sobre o território hispano do século V, a Crônica de Idácio não teve uma grande difusão na história. Isidoro de Sevilha foi quem conservou e difundiu o documento pela Europa medieval, através de sua *Historia Gothorum, Vandalorum et Suevorum*. Nesse livro, apesar de Isidoro não citar nominalmente Idácio, podemos perceber que diversos relatos coincidem com o de sua crônica, como por exemplo, as informações sobre os suevos presentes na *Historia Suevorum*.

Em sua obra, Isidoro começa e termina seu relato sobre essa população da mesma maneira que Idácio havia feito, mantendo a lacuna de informações existente após o fim da crônica em 469 retomando a narrativa, mais de meio século depois, provavelmente baseado na crônica de João de Biclano: “Depois de que muitos reis dos suevos permaneceram na heresia ariana, finalmente recebeu o poder real Teodomiro” (ISIDORO DE SEVILHA, *Historia Suevorum*; 90).

Além de Isidoro, outro autor a inspirar-se na Crônica de Idácio durante a Antiguidade Tardia foi o bispo Braulio de Zaragoza, que em uma carta a Fructuoso cita Idácio como uma das figuras mais ilustres da Península Ibérica durante o século V: “... recordai os eruditíssimos e doutíssimos, por citar alguns, o presbítero Orósio, o bispo Toríbio, Idácio e o bispo Carterio, experiente e entendido na santa erudição...” (BRAULIO, Ep. 44).

Alan Tranoy (1974, p. 62-63) informa também que dois autores medievais citam Idácio em suas obras. São eles: Sigiberto de Gelembloix no século XI, que o utiliza na obra *De scriptoribus ecclesiasticis*, e o monge Theodorus no século XII, que o referencia no seu prólogo dos *Annales palidenses*. Segundo Tranoy, existem cinco manuscritos da Crônica de Idácio.

O primeiro é conhecido por Manuscrito B – Berolinensis Phillipps. É do século IX e sua localização corrente é a Biblioteca Nacional de Berlim. Está escrito em um pergaminho de 21 x 30 cm. Este códice contém além da Crônica de Idácio, as crônicas de Eusébio e Jerônimo e os *Fastos* atribuídos a Idácio. Este texto contém algumas correções em seu

corpo assim como em sua margem. Theodorus Mommsen indica que dois autores diferentes fizeram correções na crônica.

Apesar das intervenções, este é considerado o manuscrito mais fiel ao texto original e também o que tem mais credibilidade para os investigadores e especialistas em paleografia. Mommsen fez uma edição da Crônica de Idácio a partir desse códice e a utilizou em sua *M.G.H (Monumenta Germanae Historia)*.

O segundo manuscrito é conhecido por Manuscrito F – Pseudo Frédégaire. Ele provém do século VIII e sua localização corrente é a Biblioteca Nacional de Paris. Tem as seguintes medidas: 23,5 x 13,8 cm.

Os dois próximos manuscritos são considerados espanhóis, e apesar de sua diferença de datação, são muito próximos, pois pertenceriam a um mesmo grupo, por isso a adoção dos dois sob a letra H. Estes dois códices são apenas epítomes, redigidos por abreviações do texto original de Idácio.

O primeiro manuscrito espanhol é conhecido como Hm e deriva de um manuscrito perdido de Alcobaça. Ele é datado do século XII e sua localização corrente é na Universidade de Madrid.

O segundo manuscrito espanhol é do século XVI e foi redigido a partir de um manuscrito perdido de Osana. Sua localização atual é a Biblioteca Nacional de Madrid.

O último manuscrito é chamado de M. Ele é um testemunho provavelmente do século XI ou XII. Atualmente é conservado na Biblioteca Universitária de Montpellier. Este códice contém a crônica *Chronologia ab Adamo usque ad Conradi mortem*. A Crônica de Idácio começa a ser utilizada a partir das últimas linhas do fólio 100.

Segundo Tranoy (1974, p. 67), os manuscritos serviram de base para as diferentes edições de texto da Crônica de Idácio a partir do século XVII.

No século XVII, uma primeira série de edições foi feita a partir de fragmentos do manuscrito F. São elas: a de H. Canisius em 1602, de J. Scaliger em 1606 e de A. Schott em 1608. A partir do achado do manuscrito B, foram publicadas as versões de L. Sanllorente de Cornue em 1615, em Roma, de Pampelunepor P. Sandoval também em 1615 e de J. Sirmond em 1619 em Paris. A partir da versão de Sirmord, foram publicadas as versões de A. Duchesne em 1636, la *Maxima bibliotheca ueterum patrum* em 1677 e a de J. Sáenz de Aguirre em 1694.

No século XVIII, a Crônica foi novamente editada por M. Bouquet em 1738, em Paris, e por E. Floréz em 1749, em Madrid. No fim deste século, são publicados mais três trabalhos sobre a Crônica: o de T. Roncalli em 1787, em Pádua, o de A. Galland em 1788, em Veneza e o de C. Roesler em 1798, em Tubinga.

No século XIX e início do XX, são feitas as edições de X. de Ram em 1845, em Bruxelas, de J. P. Minge na *Patrologie Latine* que se utiliza das versões anteriores de A. Galland e X. Ram, de V. de la Fuente em 1873, em Madrid e de Th. Mommsen em 1894, em Berlim. Foram feitas duas traduções para o espanhol, entre o fim do século XIX e o início do século XX, a de L. Garcia Del Corral em 1886 e de Marcelo Macias de 1898 a 1909. Enfim, a última versão anterior à de Tranoy é de R. Grosse, que a publica em 1947.

Após a versão de Tranoy, publicada em Paris em 1974, temos uma nova enumeração e crítica de edições, além de uma menção ao trabalho de Marcelo Macias, feita por Pablo C. Díaz Martinez (2011, p. 17-18). Segundo o autor, a edição de Marcelo Macias é um trabalho parcial que se refere apenas às passagens que têm relação com a Galícia e com os suevos, e que havia aparecido no *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos de Orense* nos últimos anos do século XX. Sobre a versão de Tranoy, P. C. Díaz ressalta que, apesar de não ter sido realizada uma crítica ao texto de Idácio, sua edição conta com um segundo volume de comentário histórico de grande utilidade. Acerca da edição de José Cardoso, de 1982, afirma que esta também carece de um texto crítico, além de ter sido feita baseada na versão de Tranoy.

P. C. Díaz ainda aponta que somente em 1993, a partir da versão de R.W. Burgess, foi publicada uma edição verdadeiramente crítica da crônica, apesar da tradução do latim para o inglês feita pelo autor ser extremamente discutível. Por fim, informa também que após o trabalho de Burgess foram publicadas mais duas traduções em galego, as de J. A. López Silva e de César Candelas Colodrón, ambas em 2004.

Atualmente, a versão de Tranoy é considerada uma referência clássica na investigação dessa fonte, porém, em 1984, a publicação da Crônica por Julio Campos passa a ser reconhecida como uma boa tradução da obra em língua espanhola, sendo esta versão escolhida também para a análise no presente artigo. A edição da Crônica mais atualizada, valorizada tanto pela qualidade da tradução quanto pelo conteúdo crítico, é a de J. A. López Silva.

Análise das informações presentes no texto

No estilo cronístico adotado por Idácio, os acontecimentos são relatados de maneira cronológica e as informações são relacionadas com a vida cotidiana e social do mundo cristão, descrevendo seus problemas e enfrentamentos. A sua obra abrange um longo período que vai de 379 d.C. até 469 d.C. Em seu prefácio, o autor declara que pretende fazer uma continuação em linha temporal da crônica de outros dois homens eclesiásticos, Eusébio de Cesaréia e Jerônimo de Stridon. Seus escritos começam onde os de Jerônimo terminam, em 378 d.C. Idácio apresenta essa informação em seu prefácio:

O Primero destes, Eusébio, o bispo de Cesarea, que escreveu nos livros de sua coleção de histórias eclesiásticas, inclui a história cronográfica em grego dos anos que vão desde o princípio de Nino rei da Assíria e do santo Abraão patriarca dos Hebreus e dos demais reis contemporâneos destes, até o vigésimo de Constantino Augusto imperador (IDÁCIO, *cron. prefatio*; 2).

Depois deste o escritor que o sucedeu, conhecedor de todos os monumentos que conservam os feitos e os ditos, o presbítero Jerônimo, também Eusébio de sobrenome, tradutor do grego ao latim dos escritos daquele, adicionou a história desde o ano vigésimo do citado imperador até o décimo quarto de Valente Augusto (IDÁCIO, *cron. prefatio*; 3).

E, santo como era, viveu alguns anos depois em seu corpo mortal. Se nesses anos continuou sua obra que ficou ao final, os que recolheram toda a coleção de seus escritos ou a principal deles tem consciência segura e plena disso. Mas, posto que consta que disse em algum de seus escritos que depois da devastação dos bárbaros no território romano, tudo está misturado e confuso, cremos pela indicação dessa expressão que este volume dos anos posto ao final por ele não acrescentou nada por sua conta sobre a sucessão cronológica (IDÁCIO, *cron. prefatio*; 3).

Contudo, já que a história dos anos se estendeu até nosso tempo, como mostra o dito anteriormente, e dado que as páginas desta história despertaram o interesse dos especialistas, serviram de aviso ao indouto para quem se obedeça as pegadas dos predecessores, se bem em tudo com desigual passo (IDÁCIO, *cron. prefatio*; 5).

Para P. C. Díaz (2011, p. 36-37), Idácio assume essa responsabilidade, pois crê que após a derrota de Valente em 368 d.C e posterior entrada dos bárbaros no Império, Jerônimo teria se descuidado da sucessão cronológica dos acontecimentos. Portanto, Idácio se situa ante a necessidade de recorrer com exatidão os acontecimentos do mundo para poder precisar, em última instância, a cadeia de ocorrências que levariam ao Apocalipse.

Para situar os feitos históricos no tempo, o autor usa quatro tipos de datações diferentes. Começando com o exemplo do emprego dos anos de Abraão, que era comum

no meio cristão da época, e tinha como ponto de partida a data considerada por Eusébio de Cesaréia como a de criação do mundo. Outra datação utilizada era a dos anos olímpicos, apesar de sua proibição por Teodósio, o que reforça sua herança greco-romana. O autor também utilizava uma contagem muito tradicional entre os romanos, que era a dos anos em que cada imperador do Ocidente ficava em seu cargo, ressaltando sua ligação com a tradição de um cidadão romano. E por fim, como uma entidade ligada ao cristianismo ortodoxo, ele se utilizava também do computo dos anos de Cristo.

José Cardoso afirma que o latim utilizado por Idácio em sua crônica é considerado chocante. O estilo “não reveste nem as galas nem as louçanias nem os atavios nem os ornamentos habituais” (1982, p. XI). Segundo o autor, o léxico da crônica desvia-se do latim clássico e até mesmo do latim da decadência. É certo que a língua nascida na Etéria está mais próxima ao português a tal ponto que pode-se dizer que o texto latino eteriano se encontra profundamente carregado do que Cardoso chama de *portuguesismos*¹. Esta última alegação não se refere apenas ao vocabulário, mas até à própria estrutura da frase. Cardoso ainda alerta que muito desse vocabulário utilizado por Idácio perdeu parte de sua significação tradicional e ganhou outra completamente contemporânea.

Em nossa visão, um dos motivos para esse latim diverso de outros registros da época utilizado por Idácio seria exatamente o público que pretendia atingir com sua crônica, pois pode ser que o autor tivesse a intenção de que seus escritos fossem lidos principalmente no espaço em que sua influência era mais difundida, ou seja, a *Gallaecia*. Por isso o latim de sua escrita provavelmente se aproximava do latim utilizado nessa região durante o século V, local que nomeava de *extremam uniuersi orbis*.

Outro aspecto que é frequentemente discutido pelos historiadores é a especulação acerca da época em que Idácio teria redigido sua obra. José Maria Blázquez (1981) e Júlio Campos (1984) afirmam que o autor teria escrito sua crônica em uma idade muito avançada. Segundo Blázquez, entre os anos de 468 e 469 e para Campos certamente após 465, considerando que a data de nascimento de Idácio ainda é incerta, mas se pressupõe que o bispo tenha nascido em fins do século IV ou no início do século V. Sob nossa perspectiva, devido à abrangência da Crônica, é difícil se estipular um período preciso

¹Expressão utilizada pelo autor para diferenciar o latim de Idácio do latim dos demais autores tardios indicando em sua visão que o latim do mesmo já tinha uma aproximação com a língua portuguesa. Entretanto, é complicado fazer tal afirmação para esse período, pois cremos que nesse momento é muito cedo para fazer esse paralelo da língua latina com a portuguesa.

para sua escrita; contudo, acreditamos que Idácio poderia ter começado a escrevê-la após sua elevação ao cargo político-religioso em *Aquae Flaviae*, em 427, pois cremos que muitos detalhes relatados após este período teriam se perdido se o autor tivesse realmente escrito toda sua crônica somente após 465.

Acreditamos que Idácio tenha escrito sua obra através de informações que recebeu de modos distintos, como expõe em seu prefácio:

E aceitando com sincera fidelidade, adicionamos o seguinte, tirando-lhe em parte do estudo dos escritos, em parte do relato seguro de alguns, em parte do próprio conhecimento que me ofereceu este desgraçado tempo de minha própria vida (IDÁCIO, *cron. prefatio*; 5).

E o conteúdo desses feitos e épocas, tu, leitor, o compreenderás por seguinte. Desde o primeiro ano do Imperador Teodósio até o ano de Valentiano, filho de Placídia, o conseguimos, nos apoiando no estudo antes indicado, bem de historiadores, bem das relações dos informadores (IDÁCIO, *cron. prefatio*; 6).

Depois elevado sem motivo ao cargo do episcopado, conhecendo todas as misérias deste desgraçado tempo, e encerrando dentro dos estreitos do Império Romano, temos exposto as fronteiras que ameaçam ruir (IDÁCIO, *cron. prefatio*; 7).

Júlio Campos afirma que Idácio obteve essas informações por três diferentes vias. Os dados que recebeu antes de assumir seu cargo político-religioso (427 d.C.) foram através das leituras de outros autores, como Sulpício Severo, Paulo Orósio e Próspero de Aquitânia, para os acontecimentos do Ocidente, e o historiador Sócrates Escolástico e Olimpíodoro para os feitos do Oriente:

De Orósio tomou muito sobre as invasões dos anos de 409 a 414, na Hispânia e Roma com Alarico, a que descreve com relatos trágicos e minuciosos que Orósio, conhecidos provavelmente por relatos de testemunhas. De Sulpício Severo tomou a informação que no ano de 386 houve uma pena capital aplicada pelo imperador Máximo a Prisciliano e a Latroniano... Também é Sulpício Severo fonte da notícia de São Martin de Tours no ano de 405. Também se inspiraria no *De Script. Eccles.* De São Jerônimo para a fama de São Ambrósio (a.382), para a de São João Crisóstomo (a. 404), para a de Teófilo de Alexandria (a. 380, para a de Epifânio de Chipre... (CAMPOS, 1984, p. 35).

José Cardoso (1982, p. XIX), em sua interpretação da crônica, acredita que Idácio não conhecesse Terêncio, Salústio, Tácito ou Ovídio, entretanto parece ter sido leitor de Júlio César. Já Tranoy (1974, p.255) enxerga em Idácio influências de Tito Lívio e de Júlio Obsequens, entretanto não crê que o bispo conhecesse grego, já que todas as suas

referências são a obras em latim. Tranoy ainda nos afirma que apesar de conhecer a Bíblia, Idácio desconhecia os escritos patrísticos, além disso, a sua falta de informação sobre as heresias do Oriente nos mostra uma lacuna em sua formação.

Tranoy também acredita que Idácio conhecia a crônica de Jerônimo, a Crônica de Sulpício Severo, a *Apologie* de Itácio d'Ossonoba, as atas do Concílio de Toledo, as cartas de Agostinho, Paulinho de Nola e João de Jerusalém.

A partir de 427 d.C., ao assumir seu posto como bispo, Idácio passa a ter contato com documentos e testemunhos a que sua posição lhe permitia e aumenta ainda mais sua quantidade de informações. Por fim, o autor relata também na crônica seus testemunhos obtidos de forma direta, sofridos e vividos por ele (CAMPOS, 1984, p. 34-35).

P. C. Díaz (2011, p. 38) afirma que aproximadamente por volta do ano de 424 deixam de chegar a Idácio obras literárias, crônicas e cartas que podiam ajudá-lo a construir uma sequência narrativa dos acontecimentos de fora da *Gallaecia*. Porém, de acordo com Tranoy (1974, p. 50-55), a partir do momento em que se torna bispo, Idácio conseguiu também suas informações de três maneiras distintas: as viagens, as embaixadas e pelo exercício do episcopado.

Para Cardoso (1982, p. XII), a obra de Idácio também teria intenções panegíricas e épicas. Segundo o autor, Idácio tem a intenção de engrandecer, ainda que de modo trágico, a epopeia dos romanos, hispano-romanos e em geral dos habitantes da *Gallaecia*. Sua crônica seria uma epopeia que procura exaltar o valor cívico e militar dos hispânicos.

Tranoy (1974, p. 59-60) afirma que é possível perceber dois momentos diferentes na crônica de Idácio. O primeiro momento vai do ano de 379 até 455, período em que o Império é governado pela dinastia Teodosiana, na qual o autor tem muita confiança, que é demonstrada pelo respeito com que trata o poder imperial e seus representantes, como Aécio.

Porém, a partir de 455, a situação no Império começa a se degradar rapidamente e as esperanças de unidade de Idácio diminuem. Neste período, as intervenções imperiais na Península Ibérica tornam-se cada vez mais raras e as *gentes* bárbaras aumentam progressivamente sua influência na região, além disso, os problemas religiosos se agravam com a introdução do arianismo na *Gallaecia*. Segundo Colodrón (2003, p. 59-60), outro acontecimento que afeta Idácio é o abandono progressivo por Valentiano III e Gala

Placídia de seu tradicional apoio à aristocracia hispano-romana em favor da galo-romana, ocorrência que faz o autor começar a criticar as ações da dinastia que outrora exaltava.

Entretanto, em nossa visão, já a partir de 420 a autoridade romana começa a perder força em seus territórios ocidentais. Nesse período, já temos a lenta desestruturação administrativa do Império Romano nos territórios hispanos. Por causa disso, acreditamos que a partir desse período Idácio já mude um pouco suas percepções sobre o futuro do Mundo Romano.

Com estes acontecimentos o autor vê sua região de influência cada vez mais afastada do Império. Uma prova de seu pessimismo é que a partir de 456, os prodígios e providencialismos se multiplicam em sua obra, ou seja, o autor atenua a quantidade de informações políticas de seu período em favor da realização de previsões a partir de fenômenos naturais. Em sua crônica há relatos de eclipses, de aparição de cometas e meteoros, que ele sempre julga como anúncios de calamidades ou de graves acontecimentos históricos (PIDAL (org.), 1963, p. 32).

Segundo Serafín Bodelón Garcia, estes fenômenos eram para Idácio um aviso de Deus de que algo importante iria acontecer. Na maioria das vezes, eram castigos pela crueldade humana ou pela deturpação da palavra divina feita pelas interpretações cristãs hereges, como o priscilianismo.

Em nossa visão, apesar de sua formação cristã ortodoxa, nessa questão Idácio deixa transparecer uma influência da tradição greco-romana neoplatônica, pois normalmente os prodígios e providencialismos eram utilizados por seguidores dessa tradicional religião greco-romana para a interpretação dos desejos e avisos de seus deuses. Idácio teria feito uma adaptação dessa tradição neoplatônica para o cristianismo.

Segundo P. C. Díaz (2011, p. 38-39), se percebe duas grandes preocupações de Idácio na escrita de sua obra. A primeira é sua resistência em assumir que o futuro não está associado ao Império Romano, pois este se mostra apegado à tradição, à legitimidade da sucessão de imperadores e se manifesta até tarde em sua narração, confiando em uma ação definitiva e exemplar, por parte dos agentes do Império, que devolva à *Gallaecia* sua ordem política e religiosa.

Sua segunda grande preocupação seria a ortodoxia e a ideia de unidade da fé nicena. Para Idácio, o bispo de Roma e o imperador representavam a ordem, a ortodoxia e

a legitimidade. A desordem viria pelas heresias. Priscilianos, gnósticos e maniqueus representam uma fonte de inquietações evidente não só na crônica, mas também em sua atividade pastoral que conhecemos pela carta que lhe dirige Toribio de Astorga.

A proposta da crônica de Idácio em relação às suas antecessoras

As crônicas foram utilizadas como instrumentos político-religiosos por alguns bispos durante a Antiguidade Tardia. Essa função teve início com Eusébio de Cesaréia, que pretendia criar uma história universal desde a criação do mundo até a sua contemporaneidade.

Segundo Pedro Galán Sanchez (1994), Eusébio queria através de argumentos cronológicos, provar que a religião cristã era muito anterior a Cristo, se enraizando na mais alta antiguidade. Com essa proposição, sua intenção era argumentar contra os pagãos que acusavam o cristianismo de ser uma religião recente. Luis Vazquez de Parga (1961) afirma que a tradição cronística foi herdada dos judeus para os cristãos e que ambos a utilizavam como arma apologética contra os pagãos. Por seus motivos cronológicos, podemos dizer que a obra de Eusébio se aproxima mais de uma cronografia do que uma crônica.

Jerônimo deu continuação a essa tradição cronística cristã ao refundar a obra de Eusébio, que foi interrompida em 325, e fazer sua continuação até o ano 378. Em sua crônica, Jerônimo começa a dar mais importância aos elementos históricos do que aos puramente cronológicos.

No decorrer de sua obra, Jerônimo procura mostrar que, do ponto de vista espiritual, os judeus foram primeiramente o povo escolhido, mas que os romanos são seus sucessores, não apenas espiritualmente, mas também politicamente. Com isso, Galán Sanchez (1994) afirma que a obra de Jerônimo tinha elementos imperialistas e foi uma transição do gênero entre a cronografia e a crônica.

G. Zecchini (2003, p. 318) indica que os trabalhos de Eusébio e Jerônimo foram um modelo para as crônicas do oeste do Império tanto na Antiguidade Tardia como na Idade Média, pois seus textos não foram simples crônicas de religião ou de eventos eclesiásticos. Em um arranjo esquemático, essas obras ofereceram um relato bastante preciso e completo da história da humanidade de Abraão em diante.

Já em Próspero de Aquitânia há uma grande transformação no gênero cronístico. Próspero foi o primeiro continuador da crônica de Jerônimo e a escreveu até o ano de 455 d.C. Em sua obra, enxergamos o desaparecimento da finalidade apologética que havia nas obras de Eusébio e Jerônimo. Na crônica de Próspero há uma significativa redução do aspecto universalista e imperialista para uma ótica mais regionalista. A partir de sua obra, essa característica tripla ficará presente em muitas das crônicas posteriores.

Em seu texto, Próspero tem como objetivo realizar uma história eclesiástica. Ele centra sua escrita nos acontecimentos da *ecclesia*, especialmente nos problemas que as heresias representavam para o cristianismo ortodoxo. Devido a isso, Sanchez afirma que a obra de Próspero praticamente deixou de lado a finalidade cronográfica e centrou-se muito mais no aspecto historiográfico (GALÁN SANCHEZ, 1994).

Zecchini (2003, p.338) nos informa que Próspero publicou sua primeira edição em 433, enquanto estava na Gália, mas que depois ele atualizou sua obra e publicou duas versões posteriores, uma em 445 e outra em 455, depois de ter passado um tempo em Roma como secretário do bispo Leão I.

Por fim, chegamos à crônica de Idácio de Chaves. Sua crônica também se propõe a continuar a obra de Jerônimo e estende-se até o ano de 479. Nela encontramos o abandono da perspectiva cronográfica e uma grande preocupação com o aspecto historiográfico, similar à abordagem de Próspero de Aquitânia.

Para Galán Sánchez (1994), Idácio tem em sua obra uma proposta universal, porém sua história acaba se concentrando muito no Império Romano, sendo que a maioria das informações é localizada na província da *Gallaecia*. Com isso, esse autor afirma que a crônica de Idácio é muito mais uma história local da *Gallaecia* do que da Península Ibérica ou do mundo romano, característica que confere ao legado idaciano uma de suas maiores particularidades.

P. C. Díaz (2011, p. 37-38) expõe que Idácio declara seu interesse em construir uma história universal, mas este se transformou em uma necessidade de narrar os problemas atravessados por sua província natal. Problemas que têm como causa a perversão da vida religiosa e a desordem trazida pela invasão dos povos bárbaros na Península Ibérica. Assim, o autor dá um salto do universal para o particular, da preocupação do destino do

Império à angústia de resolver os problemas que afetam sua realidade e os membros da ortodoxia:

Em definitivo, o universalismo espacial – como o temporal – experimentou profundas transformações na crônica idaciana. Frente ao universalismo de Eusébio, frente ao universalismo-imperialismo de Jerônimo e frente ao universalismo-imperialismo-regionalismo de Próspero, em Hidácio temos que fala de imperialismo-regionalismo-localismo, onde o universal – salvo a intenção – desapareceu totalmente, e onde foi decrescendo até o local (GALÁN SANCHEZ, 1994, p. 71).

Em termos gerais, acreditamos que a conjuntura de escrita da crônica de Idácio era próxima do contexto que Erich Auerbach define para a escrita da *Historia Francorum* de Gregório de Tours. Auerbach (1946, p. 72) afirma que o bispo de Tours estava em um lugar onde não confluíam mais as informações do *orbis terrarum* e não as dispõem da forma como se contava anteriormente. O seu olhar abrange apenas a Gália e grande parte de sua obra consiste naquilo que ele viveu em sua diocese ou nas notícias das regiões vizinhas.

Para Auerbach, Gregório não possui um ponto de vista político no sentido antigo e para realizar algo semelhante em sua obra, seu ponto de vista seria o da *ecclesia*. Entretanto, mesmo assim ele só enxerga isso em um campo limitado, pois não é capaz de pensar no todo da *ecclesia*, tudo fica circunscrito localmente, tanto material como mentalmente. Dessa forma, obra de Gregório de Tours adquire um caráter muito mais próximo das memórias pessoais do que a obra de qualquer historiador romano.

Apesar das afirmações de Auerbach se dirigirem para Gregório de Tours, que viveu durante o século VI, acreditamos que esta interpretação traçada para o bispo de Tours era perfeitamente aplicável para o contexto de Idácio de Chaves. Assim como Gregório, Idácio estava em uma região onde não mais confluíam as informações do *orbis terrarum* e não as dispunha da forma como se obtinham anteriormente. O olhar de Idácio abrange em sua maior parte a Península Ibérica, com a maioria de suas informações sendo circunscritas à região da *Gallaecia*. Os pontos de vista de Idácio são os pontos de vista da *ecclesia* e podemos afirmar também que sua obra tem contornos de suas memórias pessoais, principalmente na metade final de sua escrita, onde já havia pouquíssima influência do governo de Ravena em sua região e suas informações provêm em sua grande maioria do que o bispo viveu em *Aquae Flaviae*, localidade em que exerceu seu cargo religioso.

Considerações finais

Em nossa análise, procuramos inserir a crônica de Idácio em seu contexto de produção, levantando questões sobre seus objetivos, datações, qualidade de escrita e influências literárias. Através disso, buscamos confrontar as informações apresentadas em seu texto com sua conjuntura histórica demonstrando que sua escrita foi fortemente pautada por seu isolamento político-espacial.

Entretanto, em nossa visão, esse mesmo isolamento acabou por permitir que esse documento adquirisse sua maior característica, que é a construção de uma História da Península Ibérica no século V, sendo uma preciosa fonte de informações sobre a *ecclesia* e sobre os grupos bárbaros que disputavam entre si a hegemonia político-militar na região, relato que em grande parte não está presente em nenhum outro documento do período.

Por fim, realizamos uma análise comparativa de sua obra com três trabalhos anteriores, também inseridos na tradição cronística. Por meio de nossa análise, podemos perceber que apesar de cada um desses documentos terem a mesma proposta inicial de construção de uma história universal, seus objetivos foram sendo transformados ao longo da escrita e acabaram atendendo mais as conjunturas e interesses particulares de seus autores.

Referências

1. Documentação Primária Impressa

BURGESS, Richard W. *The Chronicle of Hydatius and the Consularia Constantinopolitana: Two Contemporary Accounts of the Final Years of the Roman Empire*. Oxford: Clarendon Press, 1993.

COLODRÓN, C. C. *Cronicón de Hidácio. O bispo de Chaves*. Galiza: Editorial Toxosoutos, 2004.

CARDOSO, J. *Crônica de Idácio. Descrição da Invasão e Conquista da Península Ibérica pelos Suevos (séc. V)*. Universidade do Minho. Braga, 1982.

HIDACE. *Chronique*. Introduction, texte critique, traduction par Alain Tranoy. Paris, 1974.

IDACIO. *O bispo de Chaves, su cronicón*. Introducción, texto crítico, versión española y comentario por Julio Campos. Salamanca: Ed. Calasancias, 1984.

ISIDORO DE SEVILHA. *Las histórias de los godos, vándalos e suevos de Isidoro de Sevilha*. Estudio, edición crítica y traducción de Cristóbal Rodríguez Alonso. Leon Colegiato de San Isidoro, 1975.

MACIAS, Marcelo. *Cronicón de Idácio*. Madri: Orense, 1906.

MAXIMI CAESARAUGUSTANI. *Chronicon*. Ed. J.-P. MIGNE, Paris: Patrologia Latina LXXX, 1849.

2. Obras Gerais

AUERBACH, Erich. *Mímesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Tradução de George Bernard Sperber. 2ª ed. revisada. – São Paulo: Perspectiva, 1976 (Coleção Estudos – Crítica, 2).

BODELÓN GARCIA, Serafín. *Idacio: Prodigios y Providencialismo en su cronica*. Memorias de historia antigua, nº 17, 1996, p. 117-132.

BLÁQUEZ, José Maria. *Prisciliano, introductor del ascetismo en Gallaecia*. [Publicado previamente en: **I Reunión Gallega de Estudios Clásicos** (Santiago-Pontevedra, 2-4 julio 1979), Santiago de Compostela, 1981, p. 210-236.

DÍAZ MARTINEZ, Pablo C. *El reino suevo (411-585)*. Madrid: Ediciones Akal, 2011.

GALÁN SANCHEZ, Pedro Juan. *El Género Historiográfico de la Chronica: Las crónicas hispanas de época visigoda*. Cáceres. Universidade de Extremadura, 1994.

PARGA, Luis Vazquez de. *La Obra Historica de San Isidoro*. Centro de Estudios “San Isidoro”, 1961.

PIDAL, Ramón Menéndez (org.). *Historia de España*. Tomo II. España Romana. Madrid: Espasa-Campe, 1963.

PIDAL, Ramón Menéndez (org.). *Historia de España*. Tomo III. España Visigoda. Madrid: Espasa-Campe, 1955.

ZECCHINI, G. Latin Historiography: Jerome, Orosius and the Western Chronicles. In: MARASCO, G. *Greek and Roman Historiography in Late Antiquity*. Leiden: Brill, 2003.